

CASSIN, BARBARA. *Éloge de la traduction: compliquer l'UNIVERSEL*. PARIS: FAYARD, 2016. 247P.

Simone Christina Petry

Por acaso, ao procurar possíveis resenhas já realizadas sobre o livro *Éloge de la traduction*, de Barbara Cassin, encontrei um texto de autoria de Viviane Veras, publicado em 2014, cujo título também propõe “Um elogio da tradução” (VERAS, 2014). No seu ensaio, ao se deparar com um *intraduzível* na capa-poema do jornal argentino *Página/12*, de maio 2013,¹ Veras opta por tratar dessa questão de tradução, a *intraduzibilidade*, a partir do desdobramento crítico de um dos modos próprios de argumentação do gênero epidítico aristotélico: o elogio. Para essa reflexão, dentre outros autores relevantes, é especialmente nos textos de Barbara Cassin – “Consenso e criação de valores: o que é um elogio”, de 1993, *Efeito sofisticado*, de 1995 e *Ensaios sofisticados*, de 1990 – que a autora encontra apoio para sustentar sua leitura sobre as características e os desdobramentos políticos dessa forma argumentativa. Nesses textos de Cassin, embora a tradução se faça sempre presente – a questão da *intraduzibilidade* se coloca de várias maneiras ao longo de toda a obra da autora, e, certamente, por isso foi escolhida como forte interlocutora para a discussão de Veras –, ela não é, ainda, a protagonista da discussão; isso torna o ensaio da pesquisadora

¹ Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/principal/diario/index-2013-05-18.html>>. Acesso em: 25 set. 2017. A capa-poema faz referência à morte, naquela data, do ditador Jorge Rafael Videla, que cumpria pena de prisão perpétua devido a crimes praticados contra a humanidade no período de 1976 a 1981, período da ditadura mais sangrenta vivida naquele país. Videla ocupou a presidência da Argentina, após o novo golpe militar, entre 1979 e 1981.

brasileira ainda mais instigante para esta resenha, na medida em que ela, ao procurar perceber a tradução, ou melhor, uma condição da tradução no discurso de Cassin, de alguma maneira antecipa, na obra desta autora, uma manifestação *por vir*. E, ao mesmo tempo que Veras antecipa esse necessário elogio à tradução, esse *imprevisto* nos revela o quanto uma discussão como essa é *oportuna*, o quanto se faz urgente, pois desloca-se entre culturas fazendo eco, correspondendo; rompendo com a cronologia temporal, guiada por *Kairós*.

Como se resenhasse em seu ensaio os fundamentos principais do futuro livro de Cassin, Viviane Veras, para problematizar o *intraduzível*, vai atentar à característica mais marcante do gênero epidítico, que é o fato de ele ser o gênero do tempo presente, do *momento atual*. Para a realização de discursos sob essa base faz-se necessário, ao orador, um aproveitamento do *momento oportuno*; ou, em outras palavras, é possível dizer que se faz necessário um aproveitamento dos *imprevistos*. É o imprevisto que irá, nesse caso, orientar o orador, e, por não haver regras preestabelecidas, visto que no presente tudo “é novo”, não há também, segundo a autora brasileira, uma ética preventiva que possa permear necessariamente essa relação, essa troca que inevitavelmente ocorre entre orador e interlocutor. Vale lembrar que, pelo gênero epidítico, pode-se louvar ou censurar algo ou alguém; então, ao optar pelo elogio, compreende-se que o imprevisto, ou, nesse caso específico, o *intraduzível*, caracteriza-se no momento oportuno enquanto *abertura* ao outro. Nesse sentido, o momento oportuno é também momento crítico e momento de criação, de realização possível.² Por tudo isso, para Viviane Veras, o termo *elogio*, no título de seu ensaio, deve ser lido “enquanto uma forma de acolhida ao outro e, neste caso, sob a lei da tradução e de sua temporalidade como momento oportuno” (VERAS, 2014, p. 24). A partir disso, a autora desenha uma ética para pensar a tradução nessa condição de *intraduzibilidade*: “a visada ética, o ato ético, consiste no reconhecimento da alteridade, e esse reconhecimento fundamenta toda troca social livre” (VERAS, 2014, p. 24). Assim, o ensaio de Veras *releva* a importância e as *minúcias* da condição do *intraduzível* e, a partir disso, desvela a necessidade fundamental de reconhecimento e de enfrentamento da alteridade, do *vivre ensemble*

² Essa reflexão dialoga muito de perto com o pensamento que Antoine Berman propõe para a *retradução*. Ou seja, para a necessidade que, vez ou outra, se apresenta, sem data marcada, de traduzir (-se) de novo. Berman é citado por Barbara Cassin e é igualmente relevante para a reflexão desenvolvida pela autora francesa sobre a tradução.

nas diversas sociedades atuais, especialmente a partir da diversidade linguística – isso é o que também fará Barbara Cassin no seu elogio da tradução.

Éloge de la traduction faz parte de um círculo reflexivo de trabalhos de Cassin o qual envolve, para além dessa publicação de 2016, a curadoria de uma exposição intitulada *Après Babel, traduire*, de dezembro de 2016 a março de 2017, no Mucem e a organização do catálogo vultuoso da mesma (CASSIN *et al.*, 2016), que tem a contribuição de diversos pensadores contemporâneos; e, ainda, a experiência que representaria o pontapé inicial para essa *militância pela tradução*: a organização do *Vocabulaire européen des philosophies – dictionnaire des intraduisibles* (CASSIN, 2004).³ Foi através deste longo e rigoroso trabalho que a questão do universal e a questão da tradução começaram a se apresentar, para Cassin (pp. 27-28), em seus contornos indissociáveis, “não apenas em relação ao lugar que a tradução passa então a ocupar na filosofia, mas, de um modo mais amplo, também no que diz respeito à ideia de tradução e a sua prática”.⁴ Essa obra, para além de um gesto filosófico, conforme revela a autora, representa um forte gesto político, começando pelo termo “europeu”, inserido no título, que desvela a incontornável diversidade da Europa, fortemente marcada pelo eurocentrismo e, portanto, já escancara, dela, a sua pluralidade cultural; mas também representa, principalmente e por consequência de ser um dicionário múltiplo, a incontornável diversidade das línguas, entre elas e nelas mesmas. Disso resulta que o Intraduzível (sacralizado) abandona sua imposição esmagadora e inquestionável para dar lugar à pluralidade, aos intraduzíveis que, na definição de Cassin (p. 54), partindo de uma ideia cara à psicanálise, “são sintomas, semânticos e/ou sintáxicos, da diferença das línguas, não o que não se traduz, mas o que não cessa de (não) traduzir”.⁵

³ O *Dicionário dos intraduzíveis* é uma obra, escrita em francês, elaborada por uma equipe científica de cerca de 150 colaboradores, com competências linguísticas e filosóficas das mais variadas, que compara em mais ou menos 400 entradas mais de 4.000 palavras, frases, expressões em inúmeras línguas europeias. Possui index plurilíngue anexo a um índice de autores e tradutores que, juntos, listam as principais passagens citadas, apresentando texto original e tradução.

⁴ “[...] non seulement quant à la place de la traduction en philosophie, mais, plus généralement, quant à l’idée de traduction et à sa pratique”. Todas as traduções nesta resenha, realizadas a partir dos textos em francês, são de minha responsabilidade.

⁵ “[...] sont des symptômes, sémantiques et/ou syntaxiques, de la différence des langues, non pas ce qu’on ne traduit pas, mais ce qu’on ne cesse pas de (ne pas) traduire.”

Desse modo, como bem analisa Claudio Oliveira (2016), a autora coloca em questão, com o dicionário, a conceitualização filosófica de tendência universal, lembrando-nos que esta só acontece a partir da singularidade de palavras em línguas e, mais especificamente, na tradução de uma língua a outra, que é quando o sintoma se manifesta. É na intraduzibilidade, portanto, que nos damos conta “da irredutibilidade da palavra diante do conceito” (OLIVEIRA, 2016). Nesse mesmo contexto, a homonímia, que será elogiada no segundo capítulo do livro aqui resenhado, não deve mais ser aceita como um acidente, como defendiam os gregos, especialmente Aristóteles, mas sim, como o modo com que a língua se põe em movimento e se representa, como o modo com que a língua inventa e reinventa seu mundo.

Podemos entender, a partir disso, que no discurso de Cassin a tradução é, também, aquela que denuncia, que expõe e problematiza condições sociais a partir da exposição e problematização das questões filosóficas consagradas. A questão da intraduzibilidade, tendo a da homonímia por complemento, ganhará corpo como uma característica potencializadora do processo tradutório, assim como, segundo Cassin, problematizará ainda mais o universal, especialmente quando o *Dicionário* passa a ser traduzido em outras línguas, o que torna necessário, a cada nova tradução, o acréscimo de algo novo ao original, por conta das peculiaridades de cada uma das línguas de tradução.

O *Dicionário dos intraduzíveis* é, portanto, fundamental para a composição dessa nova obra de Cassin, e a leitura elaborada acima repercutirá e se multiplicará nas partes em que se desdobra o *Éloge de la traduction*: um elogio do grego (*na abertura*), um elogio dos intraduzíveis (primeiro capítulo), um elogio da homonímia (segundo capítulo) e um elogio do relativismo consequente (terceiro e último capítulo).

Na obra de Cassin (p. 223), veremos, portanto, uma (re)avaliação da tradução enquanto um “*savoir-faire* com as diferenças” [*savoir-faire avec les différences*], que é essencialmente político. A autora dá novos ares à discussão da intraduzibilidade. Ela *retraduz* esse conceito ao propor um deslocamento da ideia de tradução: de uma estratégia de reação a um pensamento hegemônico que afetou fortemente o mundo comum em seus vários aspectos, para uma estratégia de resistência ao que volta a assombrar a vida (em) comum, especialmente *entre* línguas, a saber, a exclusão do outro, do diferente. Pode-se dizer que Barbara Cassin resgata na história um certo pensamento crítico pós-guerra, do qual sua própria formação é

tributária – a exemplo do pensamento de Hanna Arendt, a quem a autora recorre várias vezes ao longo do texto –, para atualizá-lo, visando a uma leitura crítica, política e pedagógica dos rumos da cidadania europeia, mas que se estende a nós todos. E isso se dará a partir da tradução. Em outras palavras, seguindo a leitura que fez Jean-Marie Durand (2016), o que será apresentado no livro de Cassin é a tradução “enquanto modelo intelectual que pode servir de paradigma contemporâneo para as ciências humanas, mas, e especialmente, a tradução como aprendizagem inteligente de cidadania”.⁶

O seu elogio, antes de mais nada, levará em consideração o outro, que deve se igualar ao próprio sendo diferente dele; e é ao entrarem em inevitável tradução que ocorre uma elaboração e um enfrentamento da diversidade. Esse movimento, como se pode imaginar, tende a ir “muito além de um politicamente correto” [bien au-delà du politiquement correct] (p. 224). Elogiar a tradução, já de partida – lembrando, com Viviane Veras, que no gênero epidítico podemos optar pelo louvor ou pela censura –, afasta o discurso de Cassin de um discurso pessimista que atesta uma impossibilidade de realização dessa tarefa. Elogiar, aqui, significará defender o acontecimento incontestável que é o ato de tradução.

Já na *abertura* do livro sentimos o gosto desse trânsito forte pela alteridade quando, a partir do anúncio de um “Elogio do grego”, mergulhamos, na verdade, em um elogio da *barbárie*; ou seja, ao invés de uma costumeira exaltação da superioridade da cultura grega clássica, a autora vai na contramão de um nacionalismo ontológico e exalta o que é desrespeitado nessa cultura, o Outro, aquele que para os gregos era denominado Bárbaro, aqui, o Intraduzível. Barbara Cassin conta que ao trabalhar com os textos gregos ela aprendeu o sentido mais profundo de ser de uma língua e de uma cultura. Por conta disso, afirma que não irá defender ao longo de seu texto nenhuma cultura nacional em si, “muito menos uma cultura, a minha, em detrimento de uma outra” [pas non plus une culture, la mienne, plutôt qu’une autre] (p. 12). Podemos entender, a partir disso, que o elogio ao que não é grego não pretende uma simples inversão de papéis, mas sim, uma problematização que se abra para a desconstrução de valores sociais e morais já estabelecidos. O elogio é ao grego, porque o sentido de ser grego não se faz absolutamente sem a existência e presença do outro.

⁶ “[...] un modèle intellectuel qui peut servir de paradigme contemporain pour les sciences humaines, mais aussi ici et maintenant, un apprentissage intelligent de la citoyenneté.”

Na sequência dessa *abertura*, no “Elogio dos intraduzíveis” e no “Elogio da homonímia”, teremos uma desconstrução dos valores atribuídos a esses conceitos pelo *logos* clássico, como já explicitamos acima. Somos então convidados a colocar em questão o *universal absoluto* que está diretamente ligado à ideia de *Um, Uno*. A autora partirá para essa problematização levando em consideração que o “universal será sempre o universal de alguém” [universel est toujours l'universel de quelqu'un] (p. 35). Assim, esse modelo *Uno*, de única *Verdade*, gera, segundo ela, uma patologia que se apresentará nesse texto como *patologia do universal*. Essa patologia a ser combatida é a exclusão do outro, do diferente, do estranho/ estrangeiro. Patologia que, hoje, vemos com espanto crescer e tornar-se problema quase incontornável, de ordem política, social, pedagógica (entre outras) na maior parte das culturas contemporâneas, e não apenas na europeia. É por conta dessa ampliação de visão de mundo que Cassin, já tomando a tradução como estratégia de resistência, irá “corrigir”, em sua fala de abertura da exposição *Après Babel, traduire*, o dito de Umberto Eco, “A língua da Europa é a tradução” [La langue de l'Europe, c'est la traduction] (p. 55), que a autora reescreve como “A língua do mundo é a tradução” [La langue du monde, c'est la traduction] (p. 70).

A essa altura já é possível identificar algumas vozes às quais a voz de Cassin se une nessa *militância* pela e com a tradução. Outras vozes que, em outros tempos, ergueram-se pelas mesmas razões sociais e humanas que surgem como questões urgentes a essa autora, especialmente em sua condição de cidadã europeia que pensa as questões de linguagem como questões indissociáveis de questões políticas e sociais extremamente relevantes, que se colocam através dos mais diversos discursos. Dentre os autores citados por Cassin no início de seu texto, como Benjamin, Eco e Meschonnic, vale chamar a atenção para o nome de Antoine Berman, cuja visão de tradução – manifestada em sua reflexão e também em sua prática de tradutor – sempre foi a de um instrumento único de denúncia e questionamento. O autor francês “militava” fortemente pela evidência do outro, do estrangeiro, no seu texto traduzido, de modo a permitir, à língua própria, plenitude e liberdade para se reinventar; assim como também militava pelo direito de evidência do próprio tradutor, pela liberdade de escolha e criação nessa relação quase simbiótica com o estrangeiro que é o ato de traduzir. Ele dizia: “[...] minha obra (embora seja um trabalho histórico rigoroso) é um livro ‘militante’. Ele milita por uma certa concepção da tradução, mas da literatura, da cultura e do ser-em-línguas

humano” (BERMAN, 19[??]-1991, nota 82).⁷ Para Berman, a tradução é o “Albergue do longínquo” [l’auberge du lointain], o entre lugar de acolhimento do outro, mas conturbado, onde os equívocos são libertos; ou, como prefere Barbara Cassin – reverberando essa mesma referência do texto de Berman –, a tradução é o lugar onde as interferências desmontam a ideia de essência fixa, onde ocorre *dessencialização*. Berman faz uso dessa expressão, do trovador Jaufré Rudel, para compor o título de seu livro *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*, cuja reedição foi organizada por Alain Badiou, Isabelle Berman e, também, Barbara Cassin, após o falecimento do autor. Já nas notas dos editores podemos ler, em 1999, que nesse espaço, que seria o espaço do “ser-em-línguas”, nesse entre, nessa passagem,

[...] é um plural que conta: ele indica que não é o homem aristotélico nem o heideggeriano que importa, animal dotado de *logos* caminhando na direção da língua, mas as singularidades, as heterogeneidades. O coração maternal da língua materna enquanto espaço de acolhimento e, portanto, seguindo Joyce, de polifonia dialetal (CASSIN; BERMAN; BADIOU, 1999, p. 9).⁸

Assim, para Cassin – do mesmo modo que para autores como Berman –, ao agir a partir de um olhar crítico em relação ao universal, no combate à *patologia do universal*, a tradução realiza o gesto de abertura de uma língua na outra, explicita as dificuldades e trabalha com os equívocos. Esse gesto aponta o intraduzível, porque esse gesto é gesto de alteridade; e é somente no enfrentamento da relação com o outro que nos damos conta das diferenças mais radicais e, portanto, da necessidade extrema de tradução. Se há necessidade e se a tradução acontece, conforme defende a autora, o intraduzível é então riqueza e não perda, é a multiplicidade de possibilidades no universo do impossível. O intraduzível é, aqui, condição de tradução. Essa condição é, para autora, sintoma relacional e não sobrevive como algo de essencial. Por isso, como bem resume Claudio Oliveira (2016), em referência a esse mesmo texto, “podemos dizer que o intraduzível é o que resiste à universalização”.

⁷ “[...] mon ouvrage (tout en se voulant un travail historique rigoureux) est un livre ‘militant’. Il milite pour une certaine conception de la traduction, mais de la littérature, de la culture et de l’être-en-langues humain.”

⁸ “C’est là un pluriel qui compte: il indique qu’il n’y va pas tant l’homme aristotélicien ni heideggérien, animal doué de logos en chemin vers la langue, que des singularités, des hétérogénéités. Le coeur maternel de la langue maternelle comme espace d’accueil donc, et, suivant Joyce, polyphonie dialectale.” Retradução minha.

Em oposição ao conceito que, em tese, descreve uma noção universal, e que poderia ser transmitido integralmente, o intraduzível descreve uma singularidade absoluta. No caso, a singularidade de uma palavra ou de uma língua, assim como o sintoma descreve a singularidade do sujeito frente ao grande Outro que é a própria linguagem na qual ele procura se traduzir. Falar em uma língua é já traduzir para essa língua um intraduzível: o próprio sujeito em sua dimensão real (OLIVEIRA, 2016).

No terceiro e último capítulo do livro, a autora trata da ação da (re) tradução como resistência à *patologia do universal*. Cassin, para complicar o universal – e a ideia, aqui, é promover uma reviravolta no conceito, mas mantendo seu horizonte –, vai redefinir, vai *retraduzir* o conceito de universal, esboçando uma política que não se defina por um universal absoluto, pelo universal postulado, mas pela atenção à pluralidade e ao particular. Para tanto, ela vai propor um *universal específico*, que, em nome da sofística, definirá como um *relativismo consequente*. A tentativa é a de fugir da ideia clássica de relativismo, que segundo a autora estaria ligada a um ódio da razão e da verdade, para ultrapassar uma lógica do *ou* entre os opostos, entre as polaridades diversas, e adentrar eticamente na lógica do *e*. Ou seja, não se trata de uma coisa *ou* outra, mas sim, de uma coisa *e* outra. Para Cassin, o relativismo consequente não tem ódio da razão, mas desconfia de uma ideologia única, ele a crítica. Assim, surge a melhor definição, segundo a autora, para o relativismo: relativizar a verdade.

Tomando por base a ideia desse *relativismo consequente*, ao contrário de uma superioridade daquilo que é melhor (melhor nação, melhor língua etc.), precisaríamos começar a pensar a partir de um *melhor para*: o melhor para aquele momento, o melhor para aquele trabalho, o melhor para aquela situação. Obviamente que, dito assim, resumidamente, é possível relativizar a própria ideia de relativismo proposta pela autora, especialmente porque esse *melhor para*, ainda assim, seria sempre um *melhor para alguém*. Mas o termo consequente, unido ao relativismo, não nos deixa esquecer da ética elaborada pela autora ao longo dessa sua obra e de suas outras obras que com ela dialogam mais pontualmente.

Trata-se de uma ética pautada com rigor na alteridade – lembremos, aqui, do início desta resenha e da ideia de uma ética necessária, de Viviane Veras – e que poderíamos chamar de uma ética da hospitalidade, já que, ao longo de todo o livro, Cassin convoca incessantemente o pensador Jacques Derrida para sustentar suas reflexões sobre o *estar-entre-línguas*. É por isso que sua conclusão não é um fechamento; ela a intitula “*Entre*”:

uma expressão que, como ela mesma explica, apresentada assim, sem nenhum complemento, para além de apontar para o lugar da tradução constantemente presente nesse livro, do “entre-línguas”, também indica um convite à entrada de um outro, um convite radical para a entrada do estranho no seu lugar de morada, um convite à entrada do estrangeiro no próprio. Como Cassin (p. 149) salienta, quando se fala de *logos*, de *Um*, de *Universal*, “a tradução é para as línguas o que a política é para os homens”.⁹ Nesse sentido, o relativismo consequente seria, para a autora, no momento atual, o *melhor para* a tradução, assim como também seria o *melhor para os tribunais* que tratam de questões que envolvem os países que sofreram (e sofrem) com guerras civis, éticas e raciais.

Barbara Cassin, como excelente sofista *oportunista* – termo de que agora podemos nos valer sem receio de parecer *inóspito* –, lança seu livro num momento mais que *oportuno*, em que o universalismo que exclui o outro se faz presente em âmbitos que vão além das questões pontuais dos refugiados, abraçando de modo avassalador todas as partes do planeta com seus preconceitos, suas imposições raciais, seu desmonte educacional e com tantos outros problemas enfrentados pelas sociedades contemporâneas. E é por entender que a construção dessas visões esteja estritamente ligada às questões de linguagem que é preciso assumir a urgência de/da (re)tradução: dessa (re)tradução pautada especialmente por uma hospitalidade radical, que se tornou imperativa.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antoine. *Document de synthèse* [conjunto de notas numeradas]. Paris, 1991. (Manuscrito).
- BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999.
- CASSIN, Barbara (org.). *Vocabulaire européen des philosophies: dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Le Seuil, 2004.
- CASSIN, Barbara. *Après Babel, traduire* (Exposição). Musée des civilisations de L'Europe et de la Méditerranée – Mucem (org.). 2016. Disponível em: <<http://www.mucem.org/programme/exposition-et-temps-forts/apres-babel-traduire>>. Acesso em: 26 set. 2017.

⁹ “[...] la traduction est aux langues ce que la politique est aux hommes.”

CASSIN, Barbara; BERMAN, Isabelle; BADIOU, Alain. [Notes des éditeurs]. In: BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999, pp. 7-9.

CASSIN, Barbara *et al.* (orgs.). *Après Babel, traduire*. Arles: Actes Sud, 2016. (Collection Beaux Livres)

DURAND, Jean-Marie. L'universel compliqué et retraduit par Barbara Cassin. *Magazin Les Inrockuptibles*, Paris, 23 dez. 2016. Semanal. Disponível em: <<http://www.lesinrocks.com/2016/12/23/arts/luniversel-complique-retraduit-barbara-cassin-11895963/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

OLIVEIRA, Claudio. Da intraduzibilidade como política. *Revista Cult (on-line)*, São Paulo, 20 dez. 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/daintraduzibilidade-como-politica/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

VERAS, Viviane. Um elogio da tradução. In: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane (orgs.). *Vozes da tradução: éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014, pp. 21-38.